

Linha Imaginária

Exposição Coletiva
de Artes Urbanas

Artes que surgem
do potencial não visível e
desocultam novos protagonistas.

5 novembro 2021 a 2 janeiro 2022
MU.SA - Museu das Artes de Sintra

**Adilson Monteiro
Blac Dwelle
Carlos Stock
c'marie e egrito
Diogo Carvalho
Diogo vii
Fidel Évora
Filipa Bossuet
Francisco Gomes - Queragura
Halb
Inês Santos
Julia Blochtein
Kapulana-San
Lukanu
Moami
Nastia Kazmina
Onun Trigueiros
RAM
Rappepa Bedjo Tempo
Sepher Awk
Taya**

Ficha técnica

Curadoria Fundação Aga Khan: **Marco Martin; André Silveira,
Karina Souza, António Brito Guterres, Rodrigo Faria;**
Produção: **Catarina Sobral;** Consultoria: **Carla Cardoso.**

A periferia é um grande corpo narrativo que encontra nas artes urbanas os meios de expressão de valores e verdades que marcam o aglomerado de vivências que constituem o cotidiano das suas ruas. É nela que se vive nesta imanência da criação, nesta emergência que contesta a Linha Imaginária que pode isolar e circunscrever os espaços - seja em geografias ou em acessos - e reclama para si o lugar de protagonismo, o lugar de fala.

Nascida como ruptura, a arte produzida a partir da periferia urbana é plural, ousada, bela e efêmera, vive no anonimato e reinventa para si os lugares de exposição. Uma arte que cresce e se diversifica no traço do desenho, na intervenção da letra, nas imagens que captam e se apropriam de muros, telas, comboios e caminhos, numa linha imaginária que converge a partir da margem e a desloca para outra centralidade.

A Linha Imaginária, enquanto exposição coletiva, reúne as criações de mais de duas dezenas de artistas. As suas artes estão imbuídas de uma urbanidade que com ela dialogam, contestando-a e renovando-a através do seu discurso artístico.

Adilson Monteiro

Forteen Films, SoundOn & Outros

Série de 7 fotografias

70X100

50X70

2021



@adilsonsr

Adilson Monteiro é um jovem talento da fotografia que explora esta vertente artística a título ocasional e que encara esta prática como a sua forma de revelar o mundo a nu e cru, com a cor própria do seu olhar.

Com formação na área audiovisual dedica-se a que o seu trabalho desperte e cative emoções, sobretudo aquele que permite dar visibilidade a talentos emergentes.

No âmbito da Exposição, contribui para a linha invisível que enlaça vários artistas em torno dos temas e abordagens das periferias, da cidade e das suas vivências urbanas.

A série que apresenta nascem de contextos plurais como sendo as filmagens de um videoclipe - PDS GANG: Rotina di Lokos, produzido e realizado pela Fourteen Films -, um projeto de música dedicado a jovens talentos - Sound On - e outras imagens que captaram a sua sensibilidade.

Blac Dwelle

Tokunbo

**Escultura em pinho,
bobina e paletes**

89,5cm x 89,5 x 17cm



@blac_dwelle

A linguagem visual de Blac Dwelle espelha a sua aptidão singular para explorar cores e formas, figuras, abstrações, padrões e elementos. Imbuída de uma relevante, mas sutil, carga simbólica, a sua arte emerge a partir das culturas tradicionais e indígenas, das civilizações antigas, da arquitetura vernacular e das artes e culturas de África, onde tem as suas raízes.

As suas composições em madeira - resultantes do exercício de carpintaria e de uma engenhosa conexão de elementos díspares - exploram com frequência o motivo da máscara como veículo de expressão e libertação, simbolizando uma “ocultação da verdadeira identidade, a transgressão e quebra de padrões, uma espécie de exaltação do ser humano e do que esconde dentro de si.

Carlos Stock

Rua do Kongo à esquerda
Tinta de exterior, posca (acrílico),
stencil (spray) e verniz
2020
190x60x70cm



@carlos_stock_

No bairro da Torre, as diferentes culturas e as vivências urbanas são alguns dos ingredientes da arte de Carlos Stock. Com o aporte estético da street art e com formação em Design Gráfico, Carlos Stock tem vindo a ensaiar diversas experiências no seu processo criativo.

A obra “Rua do Kongo à esquerda” provém de um projeto que visou a recuperação de equipamentos eletrónicos em fim de vida. O movimento pretendeu enaltecer os homens do bairro que vendem cobre e ferro velho extraído dos eletrodomésticos como forma de sustento, sendo por isso um elogio àqueles que intitula como “os homens do Ferro Velho”. A criação da peça contou com a colaboração de crianças e jovens da própria comunidade e a maquete da sua etapa final propõe, de forma irreverente, ser fixada em breve na fachada de um edifício.

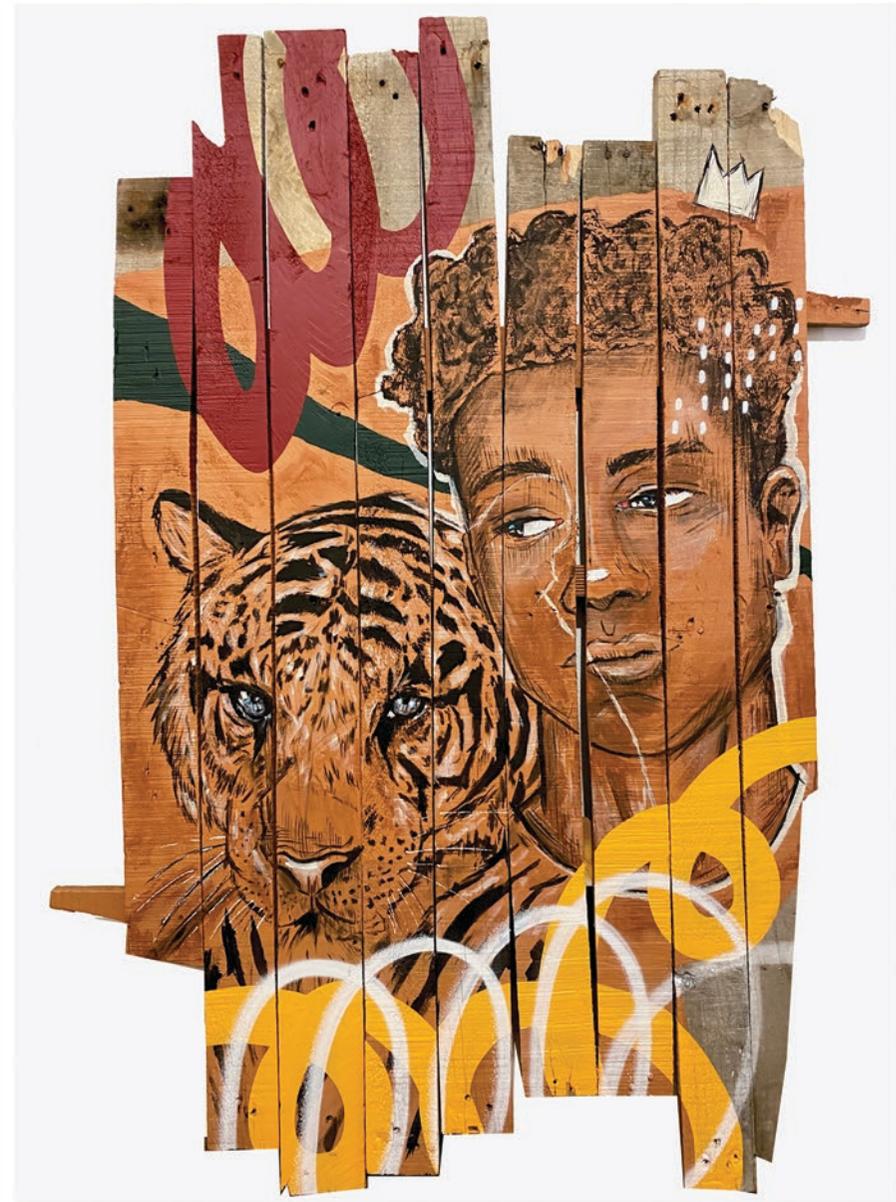
e'marie e egrito

O Ciclo

100x70cm

Técnica mista sobre madeira

2021



[@cmarie.pt](#) [@egrito.pt](#)

c'marie e egrito, são um duo de artistas visuais que trabalham juntos como coletivo multidisciplinar desde 2014. O seu trabalho centra-se na pintura de murais e telas, espaços de intervenção onde combinam as suas linguagens – entre rostos, expressões e gestos que mantêm os seus traços de construção, flui a ambiência plástica, numa procura de signos coloridos e formas contrastantes. Com uma estética que cruza com mestria as dinâmicas da ilustração com o retrato, a dupla artística expande habitualmente o seu trabalho à escala urbana conferindo-lhe uma identidade plena de impacto.

Diogo Carvalho

Baxu ku riba
Diogo Carvalho
Minissérie em 5 episódios
20 min.
2019



@diogocarv.awk

Diogo Carvalho, é um artista do audiovisual de sentidos e profundo, criado na Linha de Sintra, sendo a sua visão do mundo impactada por ela. Vê o mundo a partir de um lugar onde as vidas são moldadas pelos horários laborais a cada pôr-do-sol. Revela com o coração e a lente a Linha Imaginária, onde expõe em conjunto com os parceiros do coletivo Unidigrazz.

A série “Baxu Ku Riba” que apresenta no âmbito desta exposição, comporta uma mensagem social de força, remetendo para a importância do essencial num mundo em que tudo parece ter um preço: “É Dar kor a kem Vive a Sépia - A todos os putos di street ke vagueiam sem rumo numa fase de descobertas e da sua afirmação, dentu zona. O espaço tem um lugar pa todos os digraz, mas tu fikas kom mais espaço em ti kuando tirares as kurrentes novas brilhantes ke te kerem vender (...)”.

Diogo VII

VER(DADE)
Série de 10 Fotografia
175x118,5xcm
2020



@diogo.vii

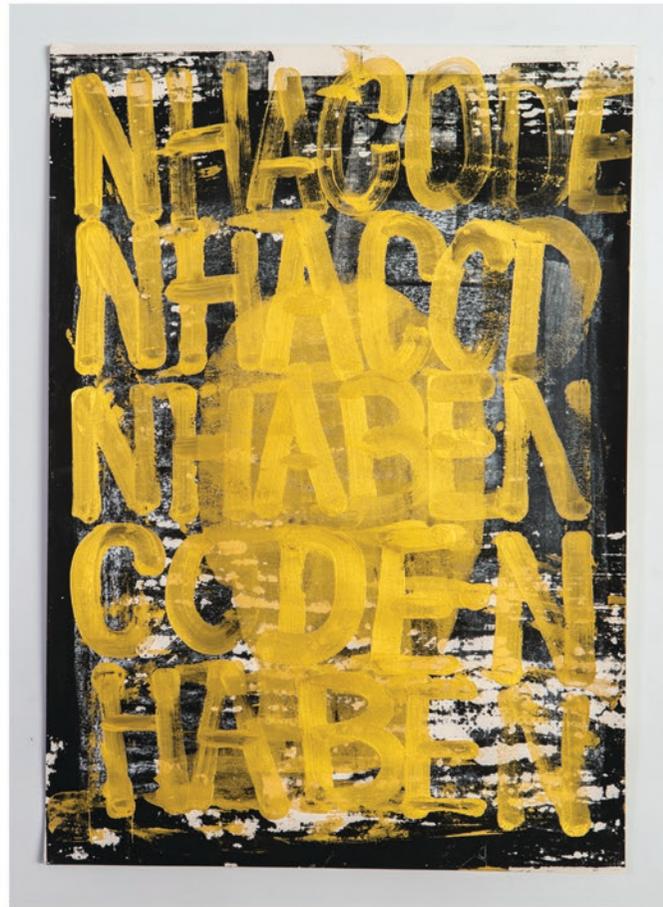
A fotografia de rua é o que mais tem cativado o trabalho artístico de Diogo VII. O trabalho que traz à Linha Imaginária reflete a dedicação mais recente da sua sensibilidade ao retrato. Na sua obra, Diogo VII expõe a representação da realidade no seu sentido mais visível e simultaneamente mais subjetivo.

O conjunto de dez fotografias da série (VER)DADE coloca em confronto, diálogo ou reflexão os conceitos de igualdade e de diversidade cultural. Os rostos que retratou são os olhares e sorrisos que o cativaram pelas ruas e largos de Lisboa e Sintra inspirado pela ideia de captar a verdade naquela que é uma das cidades mais plurais da Europa.

Fidel Évora

Nha Codé 2
Serigrafia e pintura
sobre papel
20x70cm
2021

Nha Codé 1
Serigrafia e pintura
sobre papel
20x70 cm
2021



@fidelevora

Nascido na Ilha de Santiago, Cabo Verde, Fidel Évora une fronteiras várias - das geográficas, culturais e temporais - , cria composições entre o real e o fictício trilhando o seu próprio caminho, criando diálogos esquecidos propositada ou involuntariamente. Procura nas suas obras aprofundar o seu gosto pela pesquisa e preservação de artefactos antigos, recuperando memórias importantes para a identidade coletiva e pessoal. Tendo formação e experiência profissional consolidada enquanto designer gráfico em agências de comunicação, a carreira enquanto artista plástico prevaleceu. Desde então tem integrado relevantes exposições coletivas a nível nacional e internacional.

Filipa Bossuet

Sem título

**Pastel de óleo e carvão
sobre papel de cenário**

64x111

2021

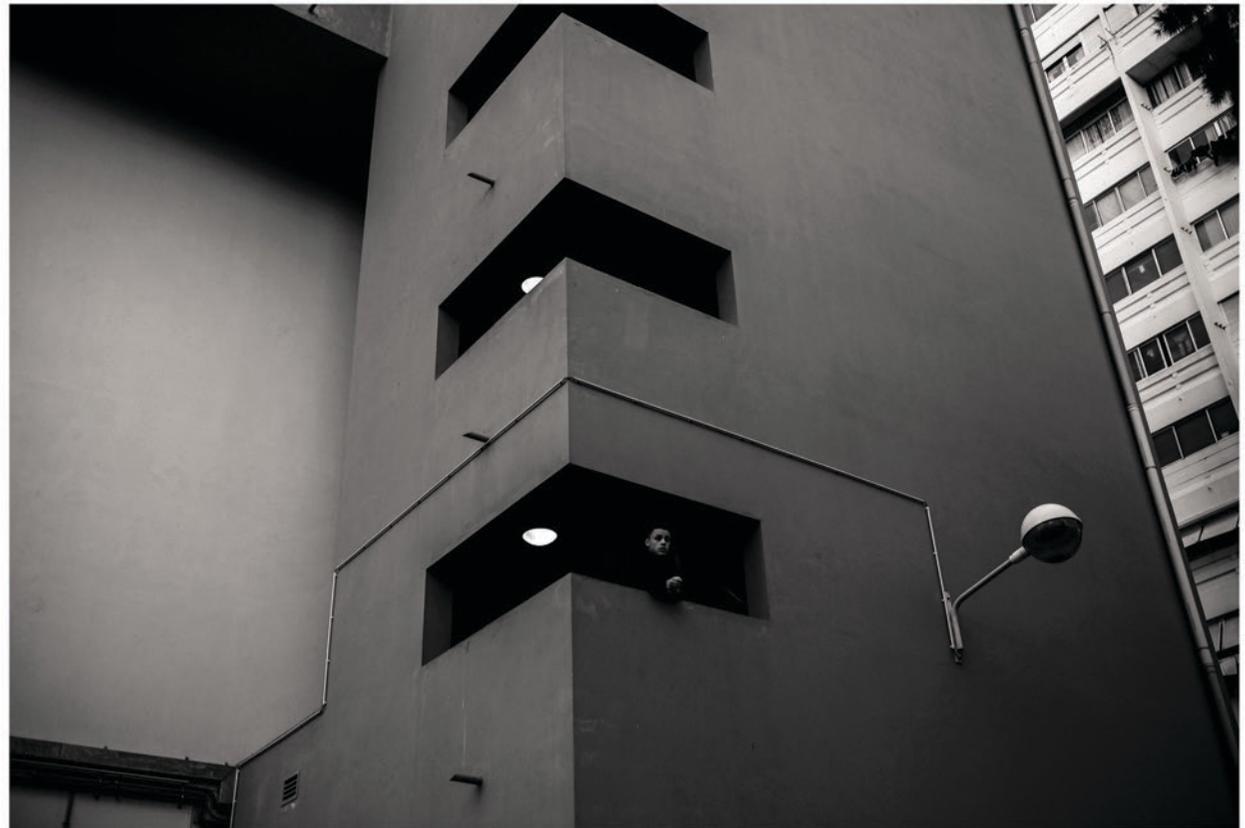


@filipabossuet

Num percurso artístico que nasce do vídeo para a pintura, Filipa Bossuet vê na materialidade da cor uma possibilidade de desconstrução e construção de identidade. De forte pendor identitário e existencial, Filipa Bossuet tem ao longo do seu percurso articulado diversas formas de expressão artística para comunicar a sua própria existência enquanto mulher negra. O seu interesse pelas artes chegou até si pela mão da adolescência, tendo realizado diversos vídeos experimentais no YouTube, herdando uma visualidade que hoje a transporta também para os seus traços de pastel de óleo e para a fotografia. A multidisciplinaridade e a permeabilidade entre a expressão própria de cada modo é um dos elementos axiais da sua obra.

Francisco Gomes Queragura

**SAN GOHU,
feito em Chelas, zona M,
na zona J
Fotografia
70X100
2018**



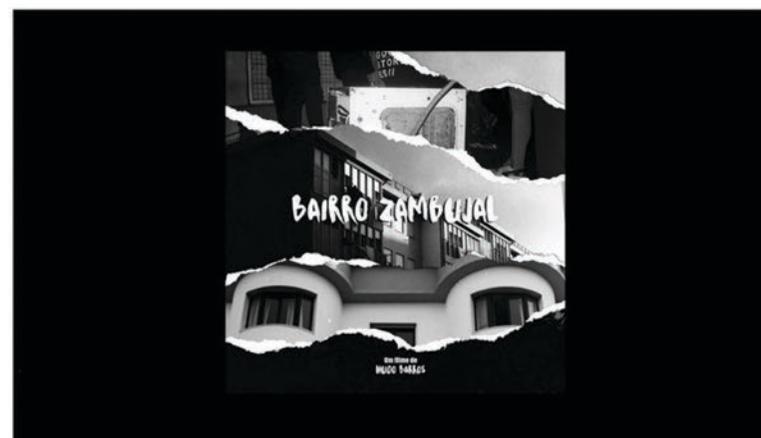
@queragura

Queragura - Francisco Gomes, atualmente fotógrafo de profissão, divide o seu tempo entre reportagens e fotografia institucional. Dedicar-se também às artes plásticas e a sua formação na Faculdade de Belas Artes de Lisboa influenciou-o na sua forma de expressão. Motivado por mundos e sistemas paralelos, o seu principal objectivo passa por desenvolver arquivos e provas da cultura de Rua e da história de cada Bairro. A obra fotográfica que Queragura apresenta no âmbito da exposição coletiva de Artes Urbanas, acorda para o diálogo concreto entre o urbanismo e a arte, no ângulo em que a fotografia devolve à cidade todas as vivências que esta proporciona e potencia.

Halb

Série de fotografia
disposta em mosaico
21.0 X 29.7 cm (A4)

2610 - Bairro Zambujal
Documentário
22"06 min.

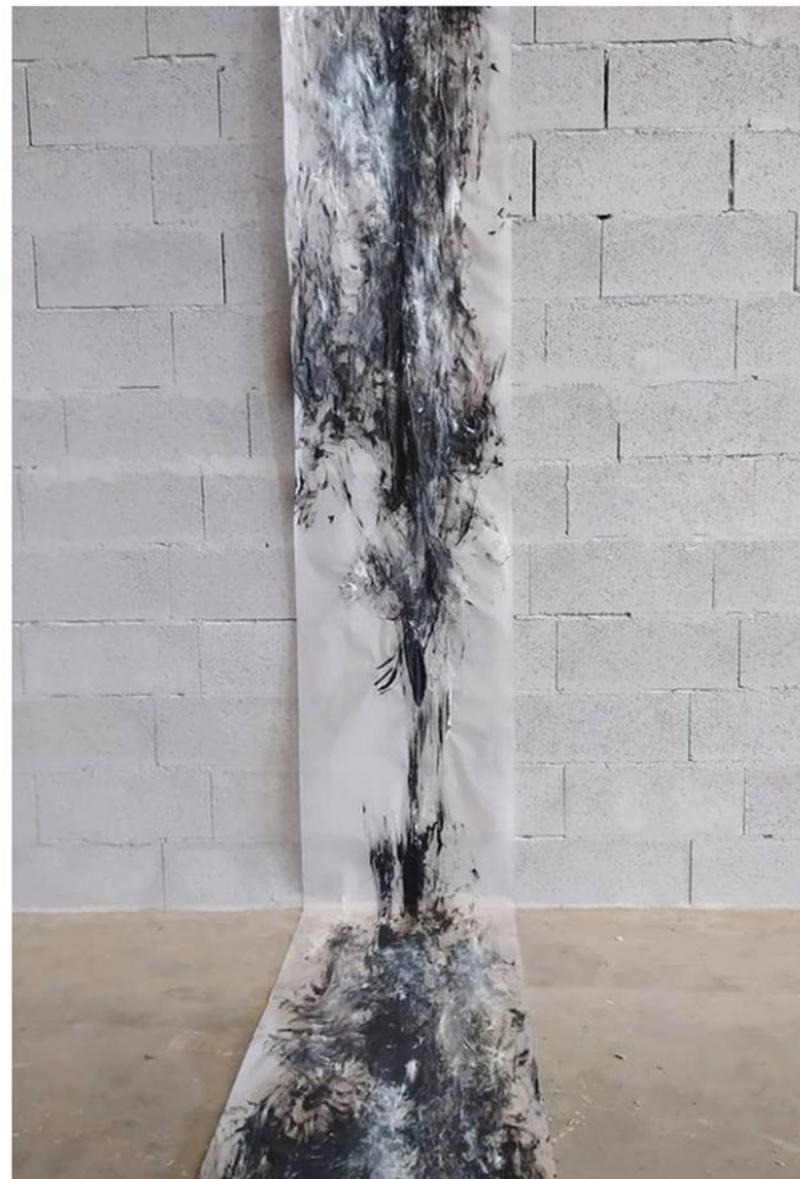


@halb98

Criador e participante ativo em diversos projetos criativos nos bairros periféricos de Lisboa, Halb tem explorado através da lente - da fotografia e do vídeo - uma percepção daquilo que são as vivências quotidianas, privadas e o seu contexto urbano. No documentário “2610 – Bairro Zambujal” - a sua primeira curta-metragem documental que publicou de forma independente -, deu visibilidade ao talento jovem por descobrir que vibra nos bairros sociais onde existem jovens com grande talento, que ainda não foram revelados e onde sentem-se muitas vezes oprimidos pela sociedade onde vivem. Ao longo do seu percurso tem estado latente o interesse pelas etnias e pelos lugares onde indivíduos se misturam e partilham as suas culturas, costumes e dialetos.

Inês Santos

Projeto Händ
Acrílico sobre papel vegetal
600x60cm
2021



@inessantos_art

Inês Santos rejeita os pincéis. A sensação do contacto da pele com o suporte utilizado, neste caso, o papel vegetal, conferiu à artista um sentido de libertação de si mesma para com o papel, deixando-se levar e transportando pensamentos turbulentos para a pintura.

As dimensões e verticalidade dos seus suportes chamaram para que as suas pinturas tomassem uma linguagem exageradamente vertical, como uma cascata bruta e violenta numa configuração que joga com o espaço exposto.

A peça Projeto Händ enquadra-se no contexto da Exposição Linha Imaginária na busca pessoal pela ruptura dos suportes, materiais e técnicas ditos como convencionais.

Julia Blochtein

Auto-retrato
Óleo sobre papel
24x33cm
2020



@juliablochtein

A jovem artista brasileira, Julia Blochtein, apresenta em exposição a obra Auto-retrato, contando-se a si própria, aos seus olhos, durante o período de confinamento obrigatório no contexto da pandemia, em 2020. Limitada a um apartamento de 40 m2 em Lisboa, a sua experiência de isolamento do mundo exterior resultou numa criação marcadamente surrealista. A obra reproduz os efeitos da sua vivência de clausura mas também, paradoxalmente, a vivência de expansão da mesma. Os vários olhos traduzem as diversas formas de como a artista se viu, aprisionada nas suas versões de si e lançando o convite a que “olhem os olhos com que nos olhamos” e nos julgamos.

O efeito inacabado consiste no recurso intencional da artista para exprimir uma transmutação sem fim.

Kapulana-San

Kimono com geisha
Costura de retalhos sobre napa
66x80cm
2017



@kapulana_san

Nascida Moçambique, filha e neta de moçambicanos, bisneta de indianos, criada em Portugal, Elda Joaquim é apaixonada pelas capulanas, pelos quimonos e por toda a cultura têxtil do Japão, principalmente no que se refere ao não desperdício e à visão da moda como um todo num sentido também ele ecológico, no qual todos podemos contribuir para salvar e preservar o planeta.

Kapulana-San encontrou no design de Moda uma forma de miscigenar as culturas com as quais cresceu e com aquelas que vai descobrindo.

Cria através da Moda possibilidades de abertura das mentes, de criação de conexões e de sustentabilidade.

Lukanu

Influência

Vídeo

7'54min

2021

Filmagem e edição: Lausivdennis

Assistência: João Lanita

Com a participação de:

Jaqueline Monteiro,

Mensageiro, Black Supreme,

Nex Supremo, Gonçalo Farinha,

Rudilson kabi.



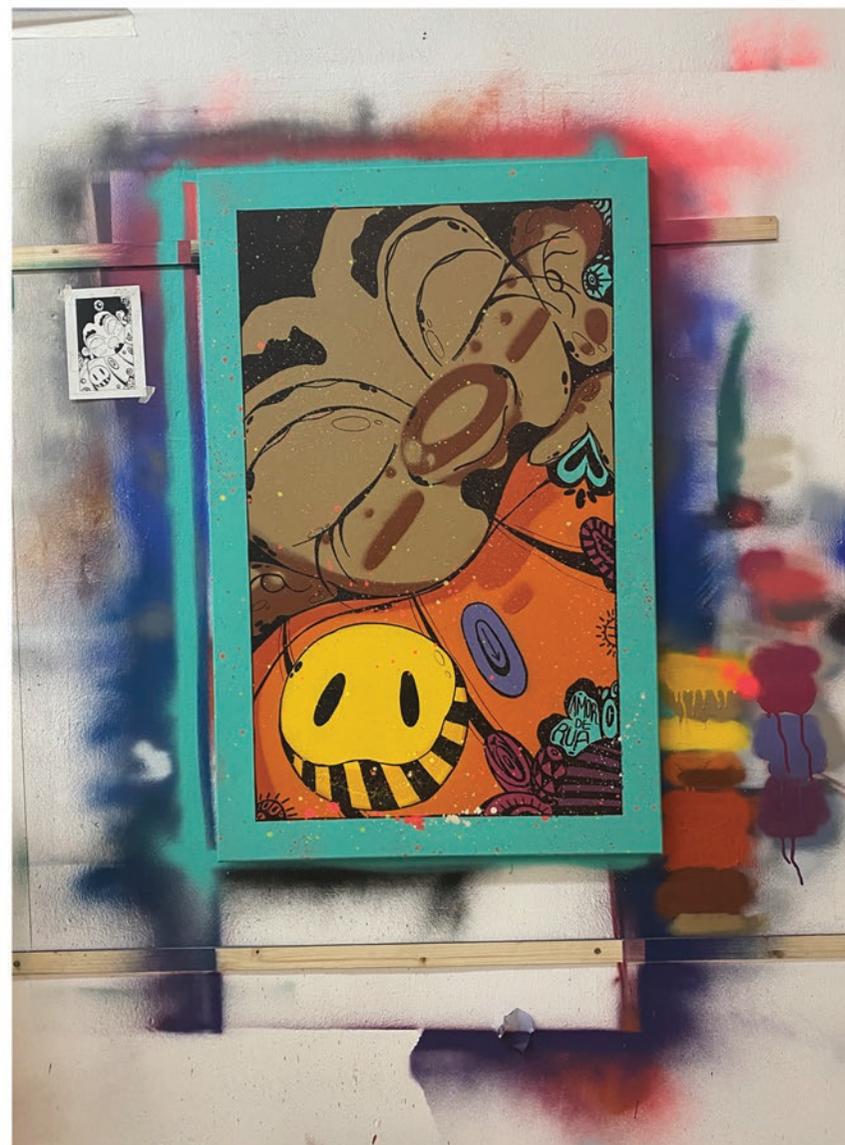
@lukanumpasi

Bailarino, performer e produtor, Lukanu Mpasy, tem como base o rap e a realidade e vida quotidiana dos bairros e da comunidade negra. Iniciou o seu percurso aos 9 anos passando por formações em dança moderna, hip hop, kuduro e teatro físico dentro e fora de Portugal.

Com importante presença artística nas redes sociais que lhe amplia o sentido, a penetração e a projeção do seu trabalho, expressa através dele o tema da violência entre esses bairros e até mesmo dentro da própria comunidade. Inspirado pelo impacto que o espaço, a música, o contexto urbano e doméstico podem ter na juventude e na forma pelas quais estes podem ser determinantes na escolha da violência e da morte ou de uma outra.

Moami

Dimensionar o Imaginário
Técnica mista de spray
e acrílico sobre tela
90x60cm
2021



@moami31

Inspirada pelo contexto multicultural com que se identifica e no qual habita, Moami combina na sua arte expressões faciais e formas esféricas, de diversas dimensões e cores que, a seu ver, revelam a frequente dissonância entre a dimensão do querer e a capacidade de o concretizar. Infunde o seu processo construtivo e criativo de diferentes texturas e diversas influências continentais. A obra Dimensionar o Imaginário vibra a componente minimalista que revisita os seus murais da sua autoria e que encontramos nas cidades de diversas geografias. Nesta exposição Moami remete com a sua obra para a linha imaginária que se encontra entre a realidade própria e a do outro.

Nastia Kazmina

I was feeling blue, so I painted it all out

Acrílico sobre papel

42x59,4cm

2020



@motherussia

De expressão artística nascida da impressão, da pintura, dos objetos escultóricos têxteis e do trabalho artístico com materiais considerados pobres, Nastia Kazmina é uma artista pluridisciplinar que trabalha também nas áreas da fotografia e da performance.

A sua obra elabora, na sua interpretação, sobre a passagem do tempo através da exploração de diversos ritmos de linha e espessuras, sobre diferentes planos criados pela mancha e o papel. Une com uma linha imaginária inúmeras realidades individuais, criando assim uma rede firme de diferentes percursos no contexto da arte urbana e do seu quotidiano inquieto. A sugestão das linhas de comboio remete do mesmo modo para as várias vivências que se interligam.

Onun Trigueiros

16 rostos

Onun Trigueiros

Acrílicos, colagem e
tinta de água

1,54x1,38m

2021

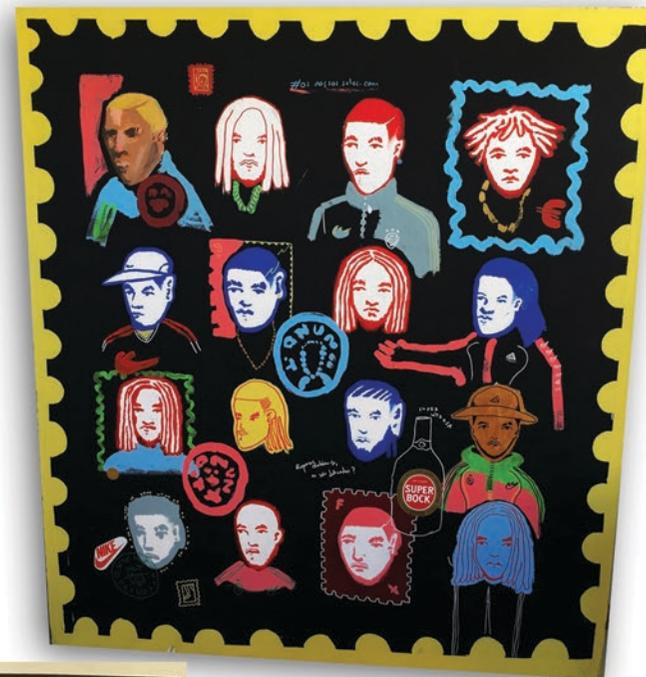
Soldado Marcio

Onun Trigueiros

Acrílicos e tinta a
base de água

1,54x1,38m

2021



@onuntrigueiros

O colecionador de imagens. Vive e funde a Linha Imaginária com a Linha de Sintra, lugar onde nasceu e cresceu. Recorrendo às técnicas de pintura, de colagem e de artes digitais, remete para as pessoas e para a atmosfera vivida e sentida no seu interior. Pluridisciplinar, aproxima a par e passo as artes urbanas das ditas “Belas Artes”, na forma como a criação urbana se afirma progressivamente do campo artístico. É com o projeto “Selos Onun” que Onun Trigueiros consolida a sua identidade visual num processo criativo que nasce das coleções de selos antigas. Além do coletivo Unidigrazz do qual faz parte, trabalha com diversos artistas.

Rappepa Bedjo Tempo

Hora de ponta

Rappepa Bedjo Tempo e Onun Trigueiros

Acrílicos e tinta a base de água sobre pvc

2,03x1,51m

2018

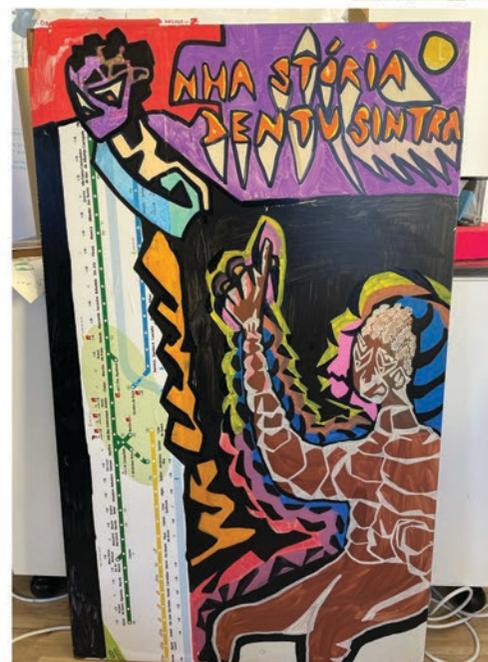
Digra

Rappepa Bedjo Tempo

Base de acrílico e tinta de água
sobre madeira

125x76cm

2020

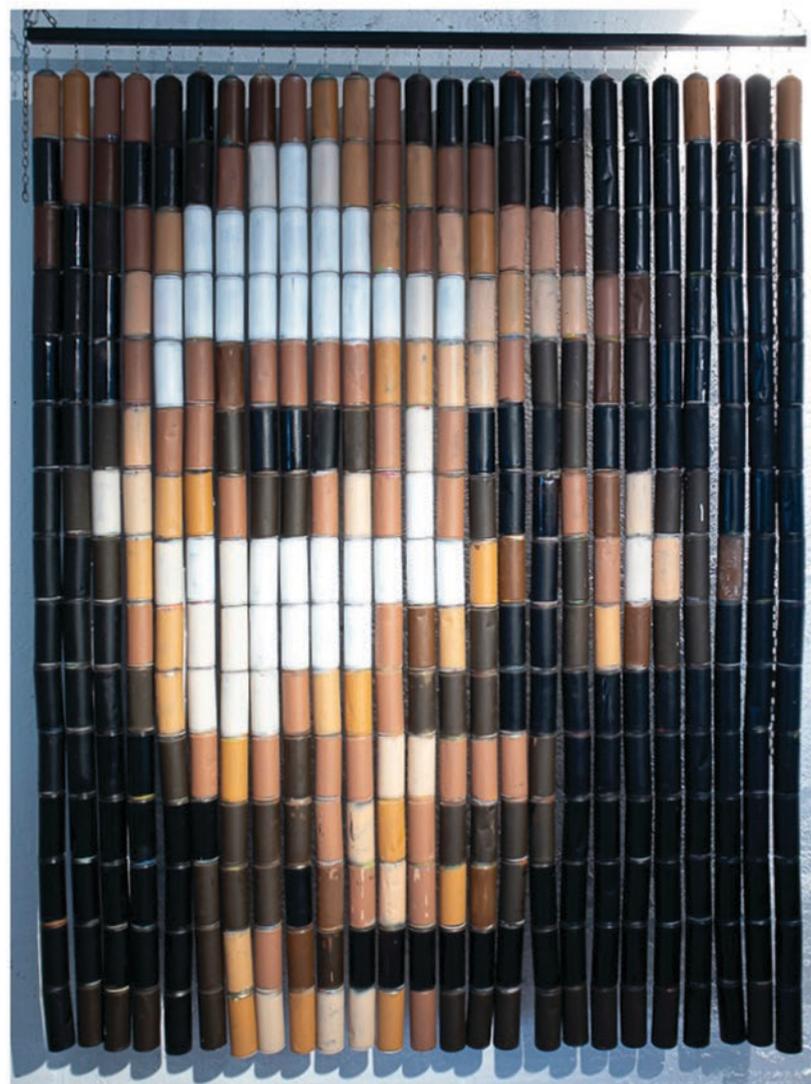


@rappepa_velhotempo

A arte de Rappepa nasce do intuito de poder repor a identidade que entende estar em falta dentro das comunidades africanas e afrodescendentes periféricas e não periféricas. A carga ancestral, autêntica e franca inerente à sua expressão plástica conferem às suas obras uma originalidade própria. Movendo-se numa dinâmica que vai do grafismo à arte no espaço público e que não se limita a nenhum destes espaços e formatos, na exposição Linha Imaginária apresenta o caráter eminentemente colaborativo da sua ação artística, sendo o artista parte integrante do coletivo Unidigrazz

RAM

**Auto-retrato
Instalação com
275 latas de graffiti
250x185cm**



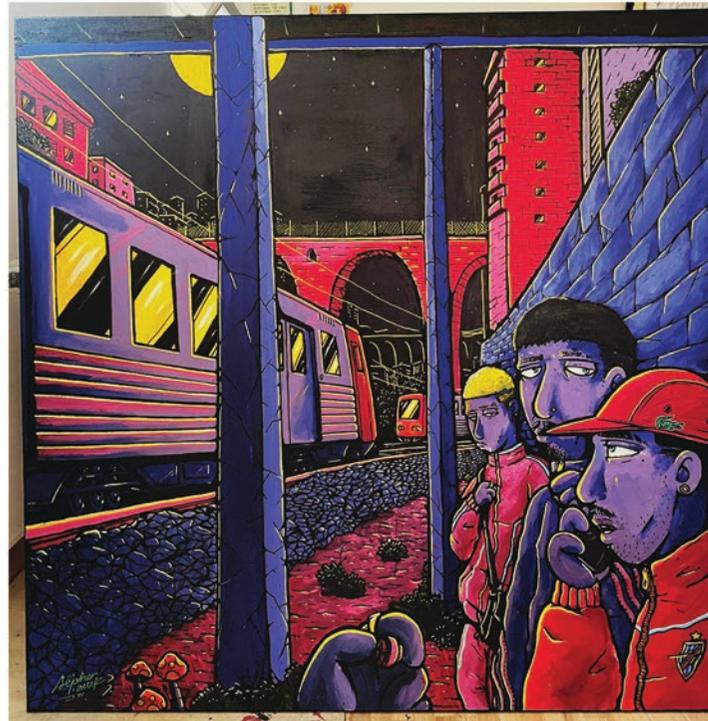
@ram_lisbon

Precursor do graffiti e arte urbana de cariz experimental, Ram tem trilhado um caminho singular na construção de uma linguagem inteiramente original no mundo da nova estética urbana. As suas explosões energéticas de cor e formas dinâmicas aproximam-se de uma action painting contemporânea impregnada de uma inspiração psicadélica, numa linha vital que exprime a construção de realidades etéreas. Uma fusão de mistério e misticismo, viagem e aventura, expressão gráfica e visual, poesia em movimento. Ram é, aliás, um diminutivo de Ramsés, reflexo desse mesmo gosto pelos mundos antigos e civilizações perdidas e, simultaneamente, acrónimo de: Rapid Aerosol Movement. Do intimismo da aguarela à imponência dos murais, da instalação conceptual à performance interdisciplinar, Ram tem explorado ainda o campo da land art, edificando grupos escultóricos efémeros a partir de elementos naturais que tem deixado nos quatro cantos do mundo.

Sepher AWK

Kama
Posca e spray
181x78cm
2021

Deskonhecidos
Acrílico sobre tela
120x120
2021



@sepher.awk

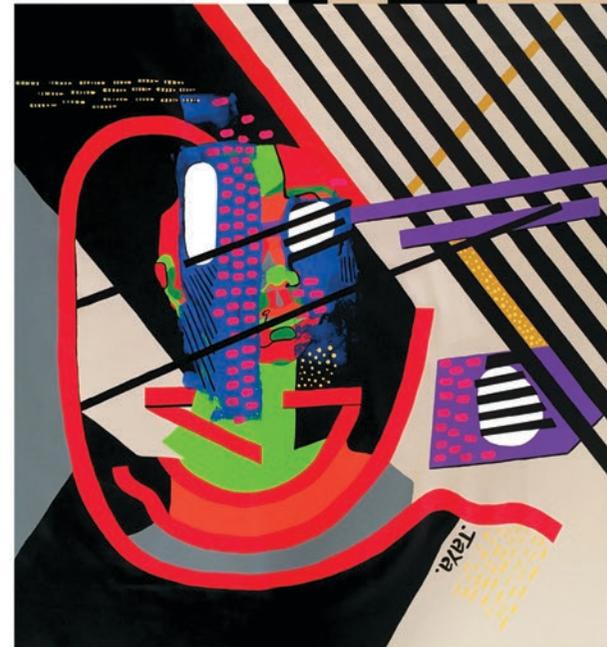
Mestre de vários ofícios, passa dos murais para a pele em tatuagem, da ilustração para animação em ciclos de reinvenção constante. Sepher Awk é sensível à viagem pelas estações da zona onde cresceu, na Linha de Sintra, a Linha Imaginária, na qual vai e vem vezes sem conta, sendo influenciado pela sua envolvimento e desenvolvendo a sua identidade artística, nas suas formas e cores, sentimentos e mensagens.

Artista do coletivo Unidigrazz, utiliza o graffiti e a experiência em pintura mural como arma contra a ideia de que a arte tem parâmetros ou regras. Contesta as convenções mais estreitas da arte. Ousado, afirma o seu estilo numa identidade progressivamente mais vincada através da qual vem trazendo novos pontos de vista sobre o seu tema de eleição.

Taya

Vibration in the Never-land 1
Acrílico sobre tela
98x98cm
2020

Vibration in the Never-land 2
Acrílico sobre tela
98x98cm
2020



@tayaiai

Taya questiona nesta coleção de auto-reflexão e de diálogo interno a forma através da qual o nosso ambiente geográfico, social, familiar e histórico influencia as nossas perspetivas e noção daquilo que é verdadeiro. A sua pintura é expressa em retratos e formas humanas, misturando motivos e padrões geométricos e orgânicos, numa expressão gráfica e meticulosa.

Explora os conceitos de observação da mente e questiona a relação entre a mente e o corpo. Dedicase aos estados de ser, além de contextos e codificação social.

Desenhadora gráfica e pintora, natural de Lobito, Angola a viver em Lisboa, Portugal, estudou, trabalhou, viveu e tem exposto consistentemente a nível nacional e internacional o seu trabalho artístico.

Manta Comunitária

Jangada das Emoções - Clube das Mulheres

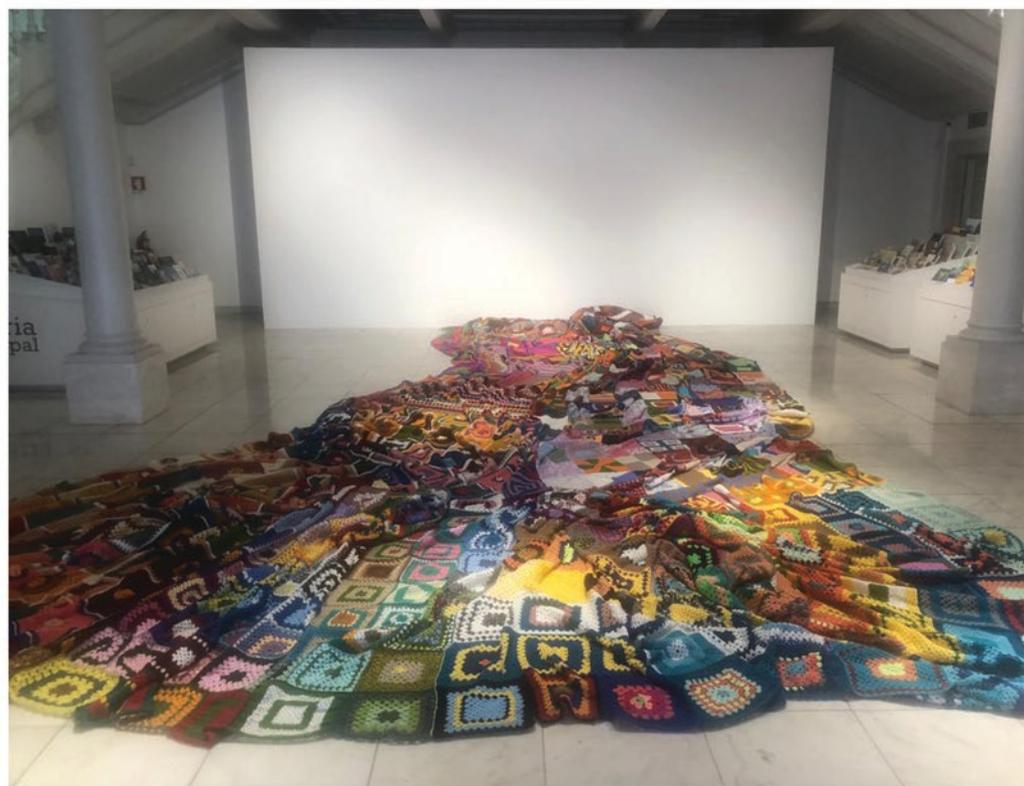
Manta tricotada em lã

3200x400cm

Tapada das Mercês, Serra das Minas, Pendão,

Casal de São José e Curraleira

2020



Em Março de 2020, perante a surpresa e o isolamento, Elisabete Borges, moradora da Tapada das Mercês encetou um plano de combate e união, que perpetuasse a agregação e a boa saúde mental de mulheres cuidadoras em tempos de indefinição.

Habituada à agência, através do Clube das Mulheres e da Jangada de Emoções, Elisabete juntou as mulheres do Bairro para isoladamente, cada uma na sua casa, tricotarem retalhos de crochet de uma possível Manta Comunitária.

A pandemia persistiu, a indefinição do fim do isolamento manteve-se e, na mesma medida, o número de mulheres e bairros aderentes aumentou. À Tapada das Mercês juntou-se a Serra das Minas, o Pendão, o Casal de São José e a Curraleira.

A manta viajou, conectando mulheres desconhecidas entre si, tornando o imaginário real.

A labuta de união de metros de retalhos, uma manta tão grande como o aconchego criado à distância, é a peça que recebe todos os que estão nesta Linha Imaginária.

Sintra

Tapada

Ana Filipa Raposo
Anabela Isidoro
Audilia Ocante
Alexandra Lopes
Catia Costa
Dalila Souza
Denise Andrade
Dulce
Elisabete Borges
Emiliana Semedo
Eupremio Scarpa
Helena Maria Simplicio
Iracema Cassama
Isa Mara Borges
Leodina Imbuqui
Lyubov Stefanyulyn
Maria Deusinete
Mariana
Maria Conceição Cruz
Rosa Maria Cantinho
Ruth Falcão
Sandra Costa
Sílvia Braga
Sónia Alexandra Costa
Vanessa Sofia pimenta

Casal de São José

Isabel Viegas
Lurdes Silva
Helena Veiga
Amarilis Silvestre
Vera Gonçalves
Fernanda Marques
Luisa Francisco
Dina Monteiro
Ana Galrão
Elisabete Batista
Germana Pedro
Maria dos Anjos Borges
Paula Castro

Lisboa

Curraleira

Carla Alves
Rute Brás
Anabela Campos
Carina Alves

Pendão

Emília Abreu
Maria José Portelada
Paula Figueiredo
Ana Rita Pereira
Elisa Saldanha
Fátima Lopes
Teresa Santos
Fátima Silvestre
Dália Romaneiro
Elisabete Natário

Serra das Minas

Leopoldina Melo
Silvana Mustafa
Benvinda iÉ
Idalziza Afonso
Aurora Ferreira
Anabela Dominato
Isabel Consolado
Maria José Batista
Nídia Rosário
Apolinária Tavares

Linha Imaginária

Exposição Coletiva
de Artes Urbanas

